

FACULDADE DE VIÇOSA
MOSTRA ACADÊMICA 2009

AVALIAÇÃO QUALITATIVA x TRADICIONALISMO:
A PRÁTICA DOCENTE EM QUESTÃO

RESUMO

Débora Brandão de Paula¹

Natalia Rigueira Fernandes²

O presente trabalho tem a finalidade de analisar as práticas avaliativas no âmbito da educação infantil, a fim de perceber as práticas dominadoras no espaço escolar, sabendo que tal prática ainda é presente em muitas realidades educacionais da atualidade. Como objetivo central, a presente pesquisa busca confrontar a realidade escolar das práticas avaliativas em salas de aula de Educação Infantil, tornando-se, muitas vezes, um mecanismo de punição. Como eixos metodológicos, a presente pesquisa se utilizou de entrevistas semi-estruturadas à professores da rede particular de ensino do município de Viçosa. Percebeu-se a ocorrência práticas docentes marcadas pelo desespero para lidar com questão da relação professor-aluno, pôde ser compreendida como uma troca de interesses, desde a Educação Infantil, marcada pelo medo e pela autopunição. A presente pesquisa promove um debate atual e interessante sobre o item em questão, além de confrontar, de forma significativa e válida para posteriores estudos, a realidade prática com as fundamentações teóricas que auxiliaram no processo de formação dos próprios docentes em questão.

Palavras-chaves: avaliação, educação infantil, dominação, emancipação

Financiado por: FDV

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Viçosa (FDV)

² Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Viçosa, Mestre em Extensão Rural

1. INTRODUÇÃO

A avaliação é uma prática considerada bastante polêmica, que para favorecer o processo de ensino e aprendizagem, necessita ser constantemente planejada, caso contrário, pode se transformar em um mecanismo tradicional e mecânico. Com isso, o presente artigo, apresentou como objetivo a análise do processo avaliativo, e das possíveis práticas tradicionais, identificando, assim, as más conseqüências que decorrem do tradicionalismo na educação. Dessa forma, o enfoque principal premeia a prática tradicional, que ainda se encontra presente em muitos segmentos da educação, ou seja, o tradicionalismo enfrentado pelas crianças da educação infantil e as possíveis conseqüências produzidas por tal ação conservadora. A elaboração da presente pesquisa foi embasada em autores renomados que estudam o tradicionalismo e suas conseqüências, além de abordagens significativas sobre a Educação Infantil partindo desse pressuposto, para que os resultados fossem alcançados de maneira satisfatória, foram realizadas entrevistas com professores de Educação Infantil para analisar suas práticas avaliativas e possíveis ações tradicionais. Assim, diante dos resultados alcançados, pode-se verificar certa contradição entre concepção e prática no cotidiano das práticas avaliativas da escola que serviu como recorte da realidade.

2. OBJETIVO GERAL:

- Verificar os tipos de avaliação presentes nas escolas de Educação Infantil.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar a prática docente e a concepção dos professores sobre a avaliação.
- Detectar se as práticas avaliativas são qualitativas e processivas.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Avaliação qualitativa x tradicionalismo: a prática docente em questão.

Atualmente há muitas discussões em relação à necessidade da avaliação no processo de ensino – aprendizagem. As opiniões são as mais diversificadas possíveis; alguns educadores tem a avaliação como prática essencial, outros como um mecanismo tradicional e ultrapassado.

A prática avaliativa educacional tem suas raízes na Psicologia da Educação. Esta ciência, durante muito foi influenciada pelo positivismo, que priorizava a observação e a experimentação. Logo a avaliação neste contexto tinha um caráter observável e verificável, onde a principal linha de pensamento era a orientada pela objetividade científica, que por sua vez implicava em separação do objeto e do sujeito que a estuda. Esse contexto, aplicado à sala de aula, provocava o total distanciamento entre professor e aluno, no qual o aluno, era visto como um objeto passivo, que tinha o dever de assimilar todo o conteúdo transmitido pelo professor.

É notável que muito profissionais da educação não tenham uma definição clara e objetiva do que seja avaliar. Para eles, a avaliação consiste em se obter um resultado no final de cada bimestre, ou em uma exigência da instituição. Diante disso, se nem os profissionais compreendem qual o verdadeiro significado das avaliações, os pais por sua vez, também possuem visões bastante defasadas, pois, para eles, a avaliação é um reflexo daquilo que gostariam de ser e refere-se à esperança e a satisfação da vitória de seus filhos.

É necessário que haja uma grande reflexão em torno do planejamento avaliativo, pois sem essa análise a avaliação se transforma em um método tradicional voltado exclusivamente para se analisar a produção do aluno, ou seja, a “nota” obtida por ele, e, desta forma a avaliação pode se transformar em um mecanismo disciplinador e autoritário. Ainda é comum, a existência da avaliação, dentro de um contexto em que esta sirva de punição, caso haja indisciplina dentro da sala de aula. Atitudes de indisciplina são, muitas vezes, remediadas por testes relâmpagos, que certamente irão reduzir as chances de aprovação.

Sob esse prisma, a avaliação deixa de provocar mudança e transformação, e continua impregnada pelo tradicionalismo provocando tensão e sofrimento, além da estagnação daquilo que enfatizava Paulo Freire (1996) sobre a educação dialogal e a formação da consciência crítica.

Como sabemos, para muitos a avaliação é encarada como um momento de tensão, desafio e obrigação pois esta atividade implica em se julgar sucessos e fracassos dos alunos. Esse tipo de avaliação, provoca nos alunos uma resistência a todo modelo educacional, empobrecendo a aprendizagem e contribuindo para a baixo auto-estima dos aprendizes.

Esses aprendizes ao serem submetidos à avaliações tradicionais, passam por uma etapa de classificação, originando a “criação de hierarquias de excelência”, termo utilizado por Perrenoud (1999) para designar e destacar os considerados bons e maus alunos. Essa hierarquia em geral se encontra presente na maioria das escolas, onde os alunos considerados eficazes recebem honra e prestígio, em detrimento dos alunos considerados fracos, que são ignorados e alvo de comentários constrangedores.

Podemos afirmar sem a menor sombra de dúvidas, que vivemos em uma sociedade competitiva que almeja conquistas. Na área educacional, isso fica evidente, quando observamos o chamado “credencialismo” que diz respeito ao valor extremo dado aos diplomas. Raramente após algum tipo de avaliação o sujeito é interrogado sobre sua real aprendizagem, pois o que é mais aguardado é a nota que ele obteve.

Diante desse contexto, fica claro os prejuízos ocasionados por uma prática avaliativa tradicional; mas como abolir a tradição presente nas avaliações, se todos os segmentos escolares estão impregnados pelo mesmo?

Cabe a nós futuras educadoras, não assimilarmos essa estrutura tradicional, mas contribuirmos para que a escola e conseqüentemente a avaliação, se tornem palco de mudanças de atitude, que venha realmente contribuir para o crescimento de nosso aluno. Caso o contrário estaremos repetindo práticas que nós mesmos contestamos.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa, denominada “Avaliação qualitativa x tradicionalismo: a prática docente em questão”, apresenta como objetivo a análise da prática avaliativa dos profissionais de

Educação Infantil. Da mesma forma, pretendeu-se detectar práticas tradicionais de ensino e avaliação em tal modalidade de ensino.

O recorte da realidade escolhido foi uma escola particular do município de Viçosa-MG. Para tanto, foram entrevistadas duas professoras de Educação Infantil, uma de maternal e um do segundo período. As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas em aparelhos de MP3, em caráter sigiloso, a fim de detectar os objetivos traçados na presente pesquisa. Quanto ao instrumento de coleta de dados, as entrevistas foram formuladas com questões abertas e semi-estruturadas, onde os entrevistados tiveram a liberdade de se expressar, conforme expressa Martins:

objetivo básico é atribuir a questões e anteriormente, com base nas (MARTINS, 2006, p. 27).

“A entrevista é uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador”

Na entrevista está presente um conjunto de questões logicamente relacionadas com o problema central deste trabalho, com o objetivo de, através de perguntas, direta e individualmente, esclarecer a questionamentos relacionados ao tema. Dessa forma, acredita-se que a problemática central da presente pesquisa foi contemplada e os dados apurados serviram de subsídio para a realização da abordagem crítica que segue.

5.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através da presente pesquisa pode-se observar que a prática tradicional ainda permanece “velada” em muitas atitudes que ocorrem dentro do ambiente educacional. Essa realidade é muito deprimente, pois o tradicionalismo acarreta problemas que se arrastam por toda vida escolar e social do educando.

Chamaremos as professoras entrevistadas de x e y. Quando interrogamos sobre o que é avaliar, as professoras não hesitaram, e afirmaram que a avaliação consiste em se avaliar todo o desenvolvimento da criança. Porém quando consultadas sobre qual a finalidade da avaliação, ambas

demonstraram não possuir um conceito definido sobre a utilidade avaliativa, indagando ambas sobre a utilidade da avaliação, segundo sua concepção.

Com isso pôde-se observar que as profissionais entrevistadas não tem uma definição clara e objetiva do que seja avaliar, e da importância da prática. Dessa maneira, se não há consenso entre profissionais da educação careça de uma reformação na formação de professores acerca da avaliação, já que, conforme Freire (1999) nossas escolas precisam contribuir para formação de sujeitos dialógicos.

No decorrer da entrevista, tanto a professora x como a professora y afirmaram trabalhar priorizando a abordagem qualitativa da avaliação. No entanto a professora x utiliza uma ficha de avaliação onde os alunos são rotulados por cores, onde a cor verde significa bom desenvolvimento, a cor amarela precisa melhorar, e a cor vermelha para quando o aluno precisa melhorar muito.

Mesmo diante da situação explicitada acima, a professora x afirmou avaliar seus alunos qualitativamente. A contradição fica, então evidente, já que a rotulação e a conceituação dos termos (o que pode ser comparado com uma avaliação quantitativa na Educação Infantil, vão de encontro com as proposições de Salgado (2004) onde se torna importante que, além da nota ou conceito, seja descrita a situação de cada um em relação à etapa de seu desenvolvimento, deixando claro, tanto para o professor como para o aluno, por que o resultado é esse e qual deve ser a nova etapa no processo de construção do conhecimento).

No que diz respeito a auto-avaliação, as professoras afirmaram incentivar seus alunos a refletirem sobre seu comportamento, utilizando a mesma sequência de cores citadas acima. Porém após a auto-avaliação feita pelas crianças, a professora x preenche em lacunas paralelas sua impressão sobre cada criança, permanecendo assim o parecer final da professora. Certamente a intervenção da professora x, em cada auto-avaliação distorce todo o processo auto-avaliativo, causando inibição em seus alunos, que são novamente rotulados por cores, transformando essa experiência, em um processo quantitativo.

6. CONCLUSÃO

Por meio da presente pesquisa, pode-se concluir que muitos profissionais ainda não têm um conceito definido do que seja avaliação, e da sua real finalidade, reproduzindo muitas vezes

essa prática de maneira mecânica. Com isso o tradicionalismo se estende geração após geração, impregnando desde a educação infantil até os níveis superiores de ensino, se tornando cada vez mais dominadora, comprometendo assim todo o processo de ensino aprendizagem.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo, Pedagogia do oprimido. 23ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987.

SILVA, Tadeu Tomaz da, O Sujeito da Educação. Estudos Foucaultianos. Petrópolis. RJ: VOZES, 1994.

MELCHIOR, Maria Celina. Avaliação Pedagógica: função e necessidade. 3ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul 1999.

PARO, Vitor Henrique. Reprodução Escolar. São Paulo: Xamã, 2001.

ANEXOS

- Roteiro da entrevista realizada com professoras de uma escola da rede particular, localizada na cidade de Viçosa – MG.

- A quanto tempo você trabalha com a educação infantil?
- Com que faixa-etária você trabalha nesse momento?
- Para você o que é avaliação?
- Como se dá sua prática avaliativa?
- Sua avaliação é qualitativa ou quantitativa?
- Ela se dá por notas, conceitos ou texto?
- Qual a utilidade da avaliação?
- Você acredita em uma avaliação processual e diagnóstica? Explique.

- Os pais exercem muita pressão em cima de seus filhos?

- As crianças são instigadas a se auto-avaliarem?